

ROBERTO MARTINS E O DRAMA DA FINITUDE HUMANA: MORTE E VIDA, VIDA E MORTE

| MARIA LÍVIA MARCHON¹

RESUMO

Psicanalista e escritor, Roberto Bittencourt Martins aborda em sua narrativa a trágica finitude humana. Variadas se mostram as situações, mas a morte está sempre presente. Criando arte, o psicanalista procura compreender o ser humano em seus acertos e erros, assim como ajudar o leitor, quem sabe, a viver de modo mais feliz sua curta existência. O clima, muitas vezes, é borgiano: sugere-se, não se afirma. Dona Carlinda, com seus bonequinhos-vodu, matava realmente as pessoas ou a criança imaginou tudo? Amanda, que, *avant l'époque*, não se satisfaz com o casamento, abandona tudo e sofre as consequências. Terá realmente afirmado que não era prostituta e se suicidado quando rapazes bêbados a foram molestar em sua triste solidão? O autor não julga, apenas compreende e retrata com maestria seres humanos fictícios ou reais, em sua caminhada de encontros e desencontros pela vida e em sua morte, advinda, muitas vezes, demasiado cedo. Profundo conhecedor da realidade humana, Roberto Martins nos aproxima da mesma, com seu fazer literário discreto, sugestivo, instigante.

Palavras-chave: Psicanalista e escritor. Finitude. Conhecimento do ser humano. Tentativa de ajuda.

ABSTRACT

As a psychoanalyst and writer, Robert Bittencourt Martins discuss in his narrative the tragic human finitude. Several situations are shown, but death is always present. By creating art, the psychoanalyst seeks to understand the human being in his successes and mistakes, and to help the reader, perhaps, to live happily his short existence. The climate is often borgian; as it is suggested, not asserted. Had Mrs. Carlinda, with her voodoo dolls, really killed people or the child made everything up? Had Amanda, who, *avant l'époque*, is not satisfied with her marriage, abandons everything and suffers the consequences, really affirmed that she was not a prostitute and committed suicide when drunken men molested her in her sad solitude? The author does not judge, he only understands and masterly portrays real or fictitious human beings in their path of encounters and disagreements throughout life and death, which comes often too early. A profound connoisseur of human reality, Roberto Martins brings us closer to it, with his discreet, suggestive, thought-provoking literary work.

Keywords: Psychoanalyst and writer. Finitude. Knowledge of human being. Attempt to help.

¹ Escritora. Formada em Língua e Literatura Portuguesa, Italiana e Francesa. Mestre em Literaturas de Língua Portuguesa pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Produtora e apresentadora, na Rádio Universitária de Fortaleza, do programa de debates culturais e psicanalíticos Escutar e Pensar, da Sociedade Psicanalítica de Fortaleza e da Sociedade Brasileira de Psicanálise do Rio de Janeiro.

Cada instante da vida é um passo para a morte.

Pierre Corneille

Em todo o caso, nada mais vivificante
do que o pensamento da morte.
Não terá sido este o próprio segredo
da espantosa evolução do homem – das
cavernas aos astros?
Por isso é que os animais, por não
saberem que vão morrer um dia, não
inventaram nada, não progrediram,
continuam no mesmo ramerrão.

Mário Quintana

O homem é o único ser vivo que sabe que vai morrer, e isso lhe causa angústia e temor. Mesmo pessoas muito religiosas, que acreditam na existência de outra vida, não escapam a essa sina. Uma coisa é crer, racionalmente, num além, julgar que Cristo, por exemplo, dá sentido à vida; outra é sentir-se à vontade frente à nossa fragilidade e finitude. Dizem que Santa Giana, a médica italiana que optou por salvar sua filhinha e não fazer a quimioterapia que teria salvo sua própria vida, chegada a hora de morrer, pediu aos que a cercavam: “Rezem por mim que estou com medo”.

Pensam vários filósofos que a melhor maneira de se lidar com essa angústia é justamente pensar na morte, lembrar que ela existe e, assim, procurar viver melhor nossa preciosa vida, equilibrando prazeres e obrigações. Montaigne, citando Cícero, afirmava que “filosofar não é outra coisa senão preparar-se para a morte”.

Como verdadeiro psicanalista que é, Roberto Bittencourt Martins não foge ao “princípio de realidade” cuja existência Freud tanto evidenciou e, mesmo criando ficção, tem sempre presente esse caráter trágico da vida humana. A

morte é seu *leitmotiv*, o tema musical que retorna sempre, por mais variadas que sejam as situações criadas. É como se, mesmo no momento de criar arte, de se expressar literariamente, ele procurasse ajudar seus leitores – irmãos de finitude e “pacientes” sofredores – a conviver melhor com nossa realidade humana e, assim, a conseguirem mais paz. Como afirma o próprio autor: “o que me interessa é o ser humano, é poder conhecê-lo, tratá-lo, ajudá-lo”.

No episódio de Dona Carlinda, a fabricante de bonecas de uma pequena cidade do interior gaúcho (*Ibiamoré: o trem fantasma*, 1981), Roberto Martins, em um clima borgiano em que se misturam realidade e imaginação, retrata com maestria, de forma altamente poética, a descoberta apavorante que uma criança faz da existência da morte:

Antes, a vida lhe parecia eterna, viver era para sempre; a morte para um futuro tão remoto e longínquo que nunca parecia algum dia poder chegar – uma eternidade. Agora percebia, ela estava todo tempo a observá-lo, perto, junto; como todos, não passava de um brinquedo nas mãos dela – e ela era a dona, Carlinda, e sua criada Juventina. Mas nem sempre tinha certeza. Não seria ela, como ele, apenas uma das observadoras? Não seria ela também um brinquedo?

Em “Viagem interrompida de Gutierrez”, no mesmo *Ibiamoré*, acompanhamos, com o coração apertado, a caminhada iniludível para a morte de um pobre fotógrafo que, pelo simples fato de falar espanhol, se vê confundido com outra pessoa, é torturado, confessa o que não fez, na esperança de sobreviver, e acaba barbaramente assassinado, em uma das muitas revoluções do passado gaúcho. O texto, muito bem construído, parte das esperanças radiosas do pobre homem, de enriquecer, em seu trabalho pelo interior, e levar muito dinheiro para a filhinha e a esposa, que fora contra sua viagem. Vem à nossa mente a velha fábula de La Fontaine da mocinha e o pote de leite. Como o leite dessa personagem se esparramando pelo chão, mas de modo muito mais trágico, sonhos de felicidade se encerram sangrentamente junto a um poço. E deixam em nossa alma a dor pelas mortes absurdas e desnecessárias que o ser humano provoca, e em que, infelizmente, se regozija, motivado por ódios políticos e religiosos, acobertadores de intolerância e cobiça. Sem uma intervenção direta do narrador, brotando

apenas da mente sofredora e perplexa do personagem, o texto se faz um libelo fantástico, muito bem escrito, contra a violência de ontem e de hoje, no passado regional gaúcho, nos tempos de chumbo universais das ditaduras de ontem e de hoje, na guerra civil do tráfico de drogas... E pensamos em José Saramago, que tanto se indignou e denunciou, com a força de suas palavras, a violência do homem contra o homem.

Conhecedor profundo da alma humana, com a qual trabalha diariamente em seu consultório, Roberto Martins nos aproxima de seus personagens, que caminham, tantas vezes, para a morte antecipada, graças às suas escolhas na vida. Impossível esquecer a trágica essência que perpassa a vida de uma moça pobre como a do “Palácio das Alegrias” (*O vento nas vidraças*, 1983), nos dias de hoje, ou a de uma “Amanda Müller Schmidt” (*Ibiamoré*), moça rica que, insatisfeita com a vida de casada, bem *avant l'époque*, abandona filha e marido no interior gaúcho em busca de prazeres que a levam à degradação e ao nada.

Atento à riqueza das palavras que, por mais antigas, sempre escondem segredos, o autor trabalha as relações entre amor e morte, palavras que têm uma sílaba em comum. Partindo do famoso soneto de Camões “Amor é fogo que arde sem se ver”, em *Ardente amor e outras histórias* (1998) constrói um interessantíssimo conto no passado gaúcho que tanto o atrai, com seus coronéis todo-poderosos, e vai comprovando, passo a passo, as estrofes do soneto. Nessa criação, afirma-se a força do único sentimento que pode vencer a morte, embora essa eterna luta entre Eros e Tânatos, por vezes, ocorra em momentos tão terríveis que chegamos a ter dúvidas, como Freud, quanto ao vencedor. Acreditemos, como afirmou Dante, ao final de seu imortal poema, no “*amor che move il sole e l'altre stelle*”.

Merece, a nosso ver, particular atenção, em seu livro *O vento nas vidraças*, o conto “O amigo de Messeder”, em que Roberto Martins recria a biografia de um poeta brasileiro muito conhecido.

Como em muitas outras vezes, o autor, aqui, já no início do texto, anuncia o que irá acontecer no final e, então, volta ao passado e passa a desenvolver linearmente sua narrativa, em que incentiva sempre o leitor a pensar. Machadianamente, o

tom se faz sugestivo, e não afirmativo. Mal começa o relato, Roberto Martins já nos faz refletir sobre a relação entre a realidade emocional poética e a biográfica, sobre o poeta enquanto “fingidor” de dor “que deveras sente”. Abalado pela morte repentina de um amigo muito jovem, o personagem, ao concluir versos em homenagem ao mesmo, dissera: “não tarda minha vez”. E nosso autor acrescenta: “decerto não pensava que o fecho daquela poesia, feita no impacto da emoção, renunciava e antevia o desfecho de sua própria vida. Ou pensava? Não sabemos. Na verdade, o desenrolar de sua vida obedeceu ao traçado que desenhara no mapa de seus próprios versos”. E o autor ainda continua, apontando, sem dar o nome, para a tão conhecida pulsão de morte identificada por Freud no psiquismo humano: “Não conseguiria deter-se no impulso do rumo que inventara para si mesmo; e terminaria por escrever, com o sangue de suas veias, a invenção imaginária que atirara ao papel branco. Feito alguém que, levado pela atração do abismo, se precipita no ar e....”

E Roberto Martins vai reconstruindo a vida do jovem poeta brasileiro, morto aos vinte e um anos, e valorizando a arte literária como transformação criadora da emoção. Indo, aos dez anos de idade, para um colégio interno longe do lar, seu personagem sofre, joga no papel tristeza e solidão e reconstrói assim o paraíso perdido. A “saudades esvaziada, o caos de dentro” se vê “ordenado na música das palavras”. E assim será em todos os destierros a que seu pai, desejoso de fazê-lo comerciante e não poeta, o obriga. Sua vida de poeta será sua saída para a dor, mas, ao mesmo tempo, provavelmente o empurrará para a morte por tuberculose na flor da idade. Só nas últimas frases do conto o autor dirá o nome do poeta biografado – nome esse que o leitor já terá facilmente percebido, tais as marcas do mesmo na narrativa.

Belíssimo é o fim do conto, no qual vida e morte se fundem. O poeta morre, mas o autor volta, de imediato, ao momento do seu nascimento, quando a mãe, embora exausta pelo parto, acolhe o bebê choroso em seus braços. Como se no anulamento da morte, mais poderosa que a vida, na volta à inação uterina da mãe terra, o poeta encontrasse, finalmente, a paz.

Sigmund Freud teve um ótimo relacionamento com o pai, muito sofreu com a morte do mesmo e conseguiu transformar sua perda em profundo e precioso estudo da psique humana. Disse o criador da Psicanálise: “na vida de um homem, não há acontecimento mais importante, nem perda mais dolorosa, do que a morte do pai”.

O poeta retratado por Roberto Martins passa a curta vida em desarmonia com o pai, que queria fazê-lo comerciante e não poeta. No momento da morte do genitor, segundo o relato de nosso autor, o jovem como que se arrepende por não ter sabido conviver harmoniosamente com o pai, que, afinal, queria o que pensava ser o melhor para o filho, o melhor que lhe podia dar e que ele, pai, quando jovem e pobre, não pudera ter.

De repente, ainda pálida, surge a confusa noção da longa luta do pai para fazê-lo igual a ele. De repente, percebe a longa solidão do velho, lutando, lutando sempre para conseguir trazê-lo a seu mundo, para ensinar-lhe suas próprias experiências de vida, para fazê-lo o herdeiro daquilo que conseguiu em longos anos de luta. E, de repente, ali na fazenda, soam todas as conversas que nunca haviam podido existir, todo o companheirismo do comércio que nunca poderiam ter, todos os conselhos desprezados, tudo...

Encontros e desencontros, a vida é cheia deles. E o analista, através de seus personagens, como que nos incita a tentar a compreensão entre as pessoas e... a paz, enquanto há tempo, enquanto a morte não chega.

Dos textos de Roberto Martins emerge, como em Érico Veríssimo, profunda realidade humana, mas essa nos absorve devido ao seu modo de escrever, seu fazer literário. Como aconselhava Carlos Drummond de Andrade, o autor “penetra surdamente no reino das palavras”, e com elas constrói suas histórias, em estilo enxuto, mas, ao mesmo tempo, pleno de sugestões... Esperemos, vivamente, que ele publique novos livros.

REFERÊNCIAS

- Martins, Roberto B. (1981). *Ibiamoré, o trem fantasma*. Porto Alegre: LPM Editores Ltda.
- Martins, Roberto B. (1983). *O vento nas vidraças*. Porto Alegre: LPM Editores Ltda.
- Martins, Roberto B. (1997). *Ardente amor e outras histórias*. Porto Alegre: Mercado Aberto.
- Montaigne, Michel de (1996). “De como filosofar é aprender a morrer”. In *Ensaaios*. Volume I. Capítulo XX. Tradução de Sérgio Milliet. São Paulo: Editora Nova Cultural Ltda.